

# O RELAMPAGO

QUINZENARIO SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

## COLLABORADORES

Amalia Flores (D); Anthero Figueiredo; Arthur Soares; Augusto Peixoto; Azevedo Coutinho; Bertha Lima (D.); Bráulio Caldas; Eduardo Cunha; Faria Junior; Fernando Coelho; Gonçalo Sampaio; João Belzebut; João Dias; José Parreira; Pereira Caldas; Tito Manlio; Vicente Novaes, etc., etc.

## CHARADISTAS

Augusto Infante; G. Caetano; Heitor Servadac; José Velloso; Lirio Roixo; M. J. G. Ribeiro; Pequeno Antoninho; Xavier Rodrigão, etc., etc.

## SUMMARIO

Alcoolismo—*João Belzebut*; Pleito (poesia)—*Pereira Caldas*; Confidencia (poesia)—*José Parreira*; Sol nado—*Azevedo Coutinho*; Mãe (poesia)—*Faria Junior*; Civilidade—*Bertha Lima*; Consolação (poesia)—*Arthur Soares*; Amores e... dores—*Tito Manlio*; Orfão (poesia) *R. de Miranda*; Miscellanea—*W.*; Mercado Litterario; Horas d'Ocio, *diversos*; Expediente.

## Alcoolismo

Esta palavra, de criação recente, designa o conjunto de doenças e vícios que resultam do excesso de bebidas alcoolicas.

O dr. Magnan, cujo nome se acha vinculado ao estudo scientifico do alcoolismo, tem tornado sensiveis, por meio d'experiencias feitas em animaes, os estragos que o alcoolismo produz no corpo humano.

A embriaguez, primeiramente, manifesta-se por um periodo de augmento d'acção vital facticia, que faz esquecer os desgostos, que parece estimular as faculdades intellectuaes, mas que em breve é seguida, pelo contrario, d'uma perturbação mental. As ideias tornam-se confusas; o ouvido e a vista são sujeitas a innumeradas illusões; o olfacto e o gosto pervertem-se e a sensibilidade geral é de tal modo embotada que as feridas as mais graves não se sentem e só se tem conhecimento d'ellas quando se desembriagam.

E' grande erro julgar que as bebidas alcoolicas aquecem; pelo contrario abaixam a temperatura do corpo que desde então não pode lutar com o frio exterior: d'aqui proveem as peripneumonias a que os bebados estão sujeitos.

Quando em vez de ser uma excepção, a embriaguez se torna um habito, a estes accidentes passageiros succedem-se symptommas persistentes: o ebrio torna-se irritavel e inquieto, perde o somno e o appetite, torna-se victima d'allucinações que o perseguem o principio de dia, depois dia e noite, assiste á sua propria ruina; sente enfraquecer a intelligencia, perde a memoria, a vontade diminui-lhe, e, por mais esforços que faça, não pode resistir á paixão que o mata; o mesmo espectáculo de sua vergonha, da miseria e desprezo em que mergulha a sua familia, não tem força para

o abster; por fim cahe no delirio, depois na demencia rematada pela paralyisia geral, digno fim d'esta miseravel existencia.

E' doloroso mas infelizmente necessario dizer que o bebado não se envenena só a si: lega aos filhos a triste herança—o filho d'um bebado inveterado é, d'ordinario, um hebedor mais encarniçado ainda, um idiota ou um epileptico.

Braga

*João Belzebut.*

## Pleito

Era assumpto n'uma eschola,  
Em renhida discussão=  
Qual era a obra mais prima  
Nos seres da criação.

Dividiam-se entre os sabios  
Os votos de cada qual:  
Mas havia empate sempre  
Ao contal-os a final.

N'esta lucta encarniçada,  
A' sorte se recorreu:  
Uma creança d'eschola  
Foi quem a sentença deu.

Disseram-lhe=Aponta, ó joven,  
Para quem te convier:  
A creança entre sorrisos  
Apontou para a mulher.

O Professor, *Pereira-Caldas.*

## Confidencia

(M.)

Os teus formosos olhos scintilantes,  
Cujo estranho fulgor é divinal,  
Attrahem como a luz dos diamantes  
E matam como o perfido punhal;

Porém, em meu viver attribulado,  
Unicamente tenho um só desejo:  
E' ser por elles sempre contemplado  
Pois a aurora só nasce quando os vejo.

*José Parreira.*

## Sol nado

**R**ompêra a alvorada.

O espaço tingira-se d'um vivo carmim, que, por successivos cambiantes, se tornou n'um roseo claro suave e ameno.

Para o oriente estendia-se uma facha dourada, esvaecida pouco depois por um branco e brilhante clarão, que se estendia aos ares.

As avezitas, pousadas nos arvoredos, faziam echoar no espaço as suas canções matinaes, sonoras, melodiosas.

Esperavam ver despontar no horisonte o astro rei, que, n'aquella manhã, estava um pouco preguiçoso. Encantára talvez alguns olhares fascinadores, e ficára-se por lá

*n'um engano d'alma ledó e cego!*

Desprendendo-se enfim d'esse enleio, surgiu por detraz dos pincaros escarpados da serra fronteira.

Então as avezitas redobraram os seus trinados, e trocavam umas com as outras, no espaço, os seus vôos incertos e caprichosos, n'uma alegria immensa, enlouquecedora.

A triste e poetica violeta do valle, rociada de perolas, recebia em seu seio um raio d'ouro do sol nascente.

A linda margarida não se offendia no seu pudor de virgem, accitando do diurno luzeiro um beijo matinal nas suas brancas petalas, puras, immaculadas.

As boninas e relvas do prado, desprendendo gottas de orvalho, sentiam um prazer ineffavel com os tepidos e vivificantes raios do sol.

Tudo, enfim, rendia preito ao astro fulgurante, que, elevando-se no horisonte, dourava os cerros fronteiros; beijava as campinas; sorria ás flores; segredava aos regatos; e estreitava n'um amplexo a natureza inteira.

Os arvoredos, com as suas ramagens verdejantes, douradas pelos raios do sol, completavam a belleza poetica do quadro.

Povoa de Lanhoso.

*Azevedo Coutinho.*

## Mãe

(BLAS QUITO)

Ajoelhada ante uma cruz  
D'onde o meigo Nazareno  
Mostra seu rosto sereno  
Banhado em doce luz,

Reza a mãe com afflicção  
Pelo filho que é soldado  
E que ha muito está afastado  
Do seu terno coração.

E emquanto o rijo vento  
Solta seu triste lamento  
Pelas franças do arvoredo,

Ella, a Mãe Dolorosa,  
Uma oração fervorosa  
Eleva ao céo, em segredo.

Braga.

*Faria Junior.*

## Civilidade

(De Gustavo Droz)

**A** palavra civilidade—existe ainda no dictionario, esta palavra encantadora?—é uma velha expressão feudal. Ouve-se por ahí este codigo d'usos e convenções indispensaveis aos homens, para viverem na mesma sociedade. Ora a sociedade, entre todas, onde a civilidade é mais necessaria é aquella onde não estão senão dois.

Quanto mais a carruagem fôr estreita tanto mais é preciso a gente comedir-se para não ser insopportavel ao visinho.

Quereis viver em commum?—Soffrei a pressão do laço que vos une.

E depois, em summa, apertar um pouco os outros é o unico meio pratico e decente d'obrigal-os a apertarem-se por vossa causa, e o melhor meio de estar por conseguinte á vontade.

Este aperto é um imposto que por uma só ou muitas vezes é preciso sempre soffrer; não é mais habil offerecer adiantado seu obolo e pagar a sua divida em pouco dinheiro?

Julgar que o amor independente e sem estudo é sufficiente, resiste a todos os choques e a vida quanto mais pesada é mais violenta, é um enorme erro: a paixão é como estes hercules que levantam uma casa, mas não resistem a um defluxo.

São os pequenos resfriamentos que são temiveis, os ventos frescos, imperceptiveis e persistentes, são estes mil pequenos revezes periodicos que aluem, quebram, esmigalham tudo tão bem como uma martellada.

Os amantes e os patriotas capazes de se lançarem d'uma ponte em pleno dia para dar nas vistas a sua paixão não são raros. Difficil de encontrar é aquelle que faz ao seu amor ou á sua patria o sacrificio quotidiano d'uma simples chavena de café.

Verdadeiro heroe, é o homem virtuoso que trabalha em casa, sem taboleta que, da rua, indique ao mundo o andar e o nome do fabricante.

Braga.

*Bertha Lima.*

## Consolação

R...

Cada vez que lhe fallo no futuro  
Em que bem tristemente penso e penso  
E que ao longe diviso tão escuro  
Tornando o meu viver martyrio intenso,

Ella volve p'ra mim os olhos bellos  
Com toda a innocencia de creança  
E responde, brincando c'os cabellos,  
Confia em mim, não chores, tem esp'rança...

Braga.

*Arthur Soares.*

## Amores e... dores

(a Dorval Barbosa)

**E** linda, elegante e sympathica; faces assestinadas, ora do pallor do luar, ora revestidas de um carmim que atea desejos lubricos, cabellos loiros d'um loiro fulvo, olhos d'iris diluido, onde se lê a meiga languidez da sua alma, d'uma correção de *toilette* irreprehensivel, um verdadeiro prototypo de belleza e elegancia, emfim.

Quando ella passa impregnando o espaço de perfumes caros, vaporosa como visão de Macpherson, toda rescendente d'uma belleza attrahente, é para elle um prazer inegualavel.

Viu-a pela primeira vez encostada ao peitoral da janella e foi o bastante para desde então lhe consagrar amor ingente. Ao principio ella fitava-o com desdem, depois lançou-lhe uns olhares tam meigos que elle julgou ver um anjo vestido de saphiras e esmeraldas o unico alvo de todos os seus pensamentos, de suas mais bellas crenças, a flôr da sua primavera, flôr que, para elle, vale bem mais que os jacinthos, lilazes, margaridas e boninas com que se orna e deleita o ridente e meigo Abril.

Quando falla crê-se estar ouvindo a célica harmonia das notas de Bellini, quando sorri ve-se descerrar um bello paraizo na aurora do futuro.

Se cada momento que passa sem a ver, embora a tenha sempre gravada na imaginação, é attribulado e como que um perfido punhal se lhe crava no coração ha muito arado de dôr, cada instante que a fita é balsamo sublime, é remedio santo, que cura seu coração da dor que o contrista nas horas que a não vê.

Ama-a muito, muito!

O amor que lhe consagra não se traduz em simples phrases de mal burilada prosa.

Passados alguns dias, ella, até então toda orgulhosa de sua superioridade, foi, a pouco e pouco mostrando alguma sympathia, pelo enamorado rapaz.

E elle, sempre firme em seu proposito, lá ia todas as tardes contemplal-a e quando o sol fulgentissimo se encobria por detraz das montanhas, enviando á terra o derradeiro osculo de luz e o azul começava a polvilhar-se de rutilantes estrellas affastava-se deixando preso n'aquelle logar o coração palpitante d'um amor quasi incomprehensivel. E lá ia, para sua casa, triste e mysantropo, como quem caminha, desvairado, sem norte, por uma vereda que nenhuma luz benefica desentenebrece. Conhecendo aquella constancia, sincera e apreciavel, ella foi-lhe deixando antever no seu olhar algumas ridentes esperanças, uma nesga de azul lavado no ceu formoso d'aquelle existencia attribulada.

Nunca eu soube onde tinha tido origem aquella paixão tão desenfreada, reminiscencias, talvez, de paginas de romances onde havia jovens castellãs e todo um bando de formosuras archangelicas pairando por sobre velhos castellos desmantellados.

Mas a Maria, a sua conselheira, uma velhinha de cabellos brancos como meadas de linho não cessava de repetir-lhe, quando o via amargurado e pensativo: «que se deixasse d'isso, porque eram erancices, e que quem tem amores tem dores.»

Não fazia caso. Emmagrecia a olhos vistos, e em certo dia tentou pôr termo á existencia, questão de ciumes...

Quando prestes a deixar-se vencer por tal pensamento, pois o cerebro estava n'um estado de exaltação que nos não é licito examinar—recuou pensando na imagem que adorava, e que por mais que fizesse sempre saltitava na sua mente envolta n'uma aureola toda amor.

Comedia antiga... Depois deixou-se d'isso. N'um momento de lucidez lembrou-se da phrase que a boa velhinha não cessava de lhe repetir e curou-se d'aquelle doença que o gangrenava.

E é bem certo:

«Quem tem amores tem... dores».

Braga.—86.

Tito Manlio.

## Orfão

Primavera. Nos zephir's perfumados  
Voliteavam ligeiras mariposas;  
A alegre madre-silva e as lindas rosas  
Adornavam a relva dos vallados.

Do espaço as avesitas amorosas,  
Suavemente espargindo seus trinados,  
Vinhão poisar em torno dos eirados  
Ferindo ar com mil canções maviosas.

Uma loira creancita toda nua,  
De rosto tão ameno como a lua  
Chorava ao desamparo n'orfandade.

Tanto gostei d'aquelle rosto angelico,  
D'aquelle terno olhar suave, melico,  
Que disse olhando os ceus:—Oh caridade?!..

Castello Branco—86.

R. de Miranda.

## Miscellania

## Como A. Dumas improvisava

**A**lexandre Dumas, conta M.<sup>o</sup> Jacques Giez, apresentou-se um dia no teatro da «Comedia Franceza» e pediu para ler um trabalho seu. Foi-lhe concedida a licença para o dia seguinte.—A's onze horas, entrava o illustre romancista no teatro levando o manuscripto enrolado debaixo do braço. Todo o areopago da «Comedia» estava presente.—Dumas começou.—No fim do primeiro acto, um forte murmurio d'approvação percorre todo o auditorio. No fim do segundo, é applaudido calorosamente aos gritos de: *bravo!* A admiração subiu uma nota, e assim continuou a gamma ascendente até ao final da peça.

Quando o leitor acabou a ultima phrase do ultimo acto, o entusiasmo era immenso, e um dos jurados, extremamente excitado pela commoção, lança-se sobre Dumas e arranca-lhe das mãos o manuscripto. Oh surpresa!—O volumoso manuscripto não era nada menos que um enorme rôlo de papel em branco!—Dumas acabava de improvisar audaciosamente *Mademoiselle de Belle-Isle*.

## Mercado Litterario

Annuncia-se a proxima publicação dos seguintes livros: *Estrophes Bohemias* por Antonio Fogaça; *Contos Inglezes* traducção de Dickens por José Parreira; *Azulejos* por Bernardo Pindella; *Contos Romanticos* traducção de Tito Manlio e Faria Junior.

## HORAS D'OCIO

Aos leitores do «Relampago»

Deve vêr uma medida  
Se vogal antepozer—1  
E tambem pôde sujar  
Se vogal lhe pospozer—1

Aqui tem agora um bolo  
Se vogal antepozer—1  
E tambem uma cidade  
Se vogal lhe pospozer.—1

Que o todo infunde respeito  
Ninguem deve duvidar  
Mas não a ti, meu leitor,  
Se 'stás p'ra elle a olhar.

Lisboa.

G. Caetano.

## Charadas em acrostico

Á Exc.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. C. F. L.

Oria e é generosa esta mulher—2—1  
Terceira com a primeira é doce qu'eu adoro 1-1-1  
Na musica esta corda é uma composição 1 2  
Divisei e estava bom para esta apparição 1-1  
Nda este animal é instrumento para este homem 1-2  
Divisei esta ave n'esta argola 1-2  
Vgora este doce com estas medidas formam um nome 1-1

Braga—86.

A. Infante.

Ao meu amigo Xavier Rodrigoão

Este fluido, e este pronome é animal 1-2  
Esta vogal, está por terra, n'este creado 1-1  
N'esta habitação, o animal, agasalha 2-1  
Aqui, berra, este trama 1-2

Castello Branco, 5-4-86

M. F. C. G.

Ao meu amigo Abel Pereira d'Andrade

E' doce na rota do passaro 1-1  
E' adjectivo e corre este nome 1-2  
Olhei para o fructo triste e só 1-2  
No homem é generosa a molestia do mestre 1-1-2  
Appellido que denota pena no bosque. 2-1.

Braga—86.

Ferreira Campos.

## Logogriphos

Ao meu amigo Manoel Lobo Xavier

Isto ouvi a uma cigana, 11-5-2-1  
Que me causava aversão, 1-11-6-10  
E se o disfarce era muito  
Mais a dissimulação. 9-1-4-7-6-5-1  
Contei isto a um sujeito  
Cujo nome era assim; 4-7-2-10  
E que fazia estes versos 3-4-10-8-1  
Em portuguez e latim. 1-6-1-6-5-1

—Heigh! All raigt!—Então que é isso?

Agora temos Inglez,  
Caro Manuel.

—Oh yes. — Falla Portuguez,  
Não me sejas metediço.

—Oh yes, very well!—

Castello Branco.

Xavier Rodrigoão.

Ao meu amigo G. Caetano

Com villa de Portugal 6-3-10-9-8-2  
Vcha nome de mulher; 2-9-7-8-6-3-2  
E com vulgar animal 7-2-4-6  
Herá ave se quizer. 1-6-3-10-7-8-6.  
Vgora doença hade achar 4-8-3-5-10  
No insecto que buscar, 2-7-10-3-5-6  
O que fará com prazer. 7-8-7

Quer conceito?

lh'o vou dar;  
Certo insecto  
hade achar.

Lisboa.

F. T. Xavier Marques.

## Decifrações das charadas n.º 1

1.<sup>a</sup> = Paraíso = 2.<sup>a</sup> Hypomedon = 3.<sup>a</sup> Vasco da Gama = 4.<sup>a</sup> Chiliarcha = 5.<sup>a</sup> Limoeiro.

Decifraram a charada a premio os snrs: Philippe F. L. de B. e Moura e G. Caetano, que decifrou mais a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> O premio coube ao primeiro.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração do «Relampago» rua dos Biscainhos —19—Braga.

### ASSIGNATURA:

Braga: trimestre, ou 6 numeros. . . . . 180 reis.  
« mez ou 2 numeros. . . . . 60 «  
Provincias: trimestre. . . . . 195 «  
« mez. . . . . 65 «

A assignatura será paga adiantadamente.  
Os originaes sejam ou não publicados, não se devolvem.

Braga—Typ. de Sá Pereira—1886.